

*Joaquim
Aguiar*

**Movimentos internacionais
de capitais**
— os investimentos directos dos
Estados Unidos no mundo

O investimento externo constitui um dos instrumentos fundamentais de intervenção económica, de órbita privada, no campo internacional, aquele que mais facilmente transporta a lógica de um sistema de uma zona económica para outra. Para além disso, a actividade de investimento, dispersa por espaços que transcendem as limitações nacionais, está na base do significado internacionalista das relações económicas e, conseqüentemente, é um dado indispensável para a compreensão da estrutura económica mundial.

Simultaneamente, o investimento externo define o estabelecimento de uma relação muito concreta entre as várias estruturas económicas que permite, por sua vez, uma subtil estrutura de dominação que parte das economias originárias dos capitais e incide sobre as economias receptoras. Como caso particular desta relação, pode-se afirmar que o investimento externo representa o processo mais imediato de controle das sub-estruturas económicas (isto é, das estruturas económicas nacionais) dentro de uma lógica capitalista, pois define a possibilidade objectiva de exploração desses mercados.

Este quadro global, que relaciona um instrumento de intervenção económica, de índole privada, com toda uma complexa política de controle e equilíbrios internacionais, apresenta, ainda, duas importantes particularidades: os fluxos de investimento têm repercussões profundas nos equilíbrios económicos, internos e externos, das sub-estruturas nacionais, especialmente através das influências que exercem sobre as balanças de pagamentos, o que significa que as zonas receptoras se encontram numa situação de forte dependência das zonas originárias (é uma estrutura de

dominação financeira, mas que se repercute, de uma forma muito clara, no estabelecimento de políticas de relações económicas internacionais por parte da zona receptora, condicionados quer pelo valor quer pela utilização desses investimentos); a distribuição dos investimentos por sectores de actividade e, especialmente, por zonas geográficas, condiciona, de uma maneira fundamental, o destino económico de vastos espaços económicos, determinando as possibilidades imediatas de aproveitamento das potencialidades económicas aí existentes (estrutura de dominação económica total), facto tanto mais grave quanto menos progressos se fazem no sentido de definir sistemas de investimentos unilateralizados (ajuda) ou de processos de controle objectivos dos graus de dominação.

É fácil ver, portanto, que a análise dos fluxos de investimentos internacionais envolve a consideração de algumas das grandes questões históricas da modernidade, se não directamente, pelo menos de uma forma mediatisada: as dualidades desenvolvimento — sub-desenvolvimento, estruturas dominantes — estruturas dominadas, estruturas planetárias — estruturas nacionais, lógica quantitativa — lógica qualitativa.

No entanto, a validade destas relações teóricas aqui apontadas só poderá ser estabelecida quando se dispuser de uma informação de base muito detalhada sobre a medida destes fluxos monetários. Neste sentido, a publicação em 1969 de um estudo francês sobre este tema, constitui um passo importante na clarificação dessas relações.

A publicação intitula-se «Les investissements directs des Etats-Unis dans le Monde», com o subtítulo «évolution récente et perspectives pour 1975». Este estudo foi coordenado por D. de Laubier, do «Groupe de Prospectives sur les Echanges Internationaux» e é publicado por «La Documentation Française», n.º 20, 1969. O plano de estudos desenvolve-se em torno de uma Introdução, onde se define o objecto de análise e se fazem algumas considerações prévias, e de três partes: na primeira analisa-se a evolução do conjunto dos investimentos directos dos U. S. A. de 1955 a 1966, subdividida numa análise por sectores industriais e noutra por regiões geográficas; a segunda parte restringe esta análise ao estudo das indústrias transformadoras pois é nesse sector que se centralizam os investimentos, externos e directos, americanos; finalmente, a terceira parte procura definir as linhas de evolução destes valores até 1975, tendo como base os dados recolhidos até 1966.

A informação que esta publicação nos traz, embora restrita aos investimentos a longo prazo, de origem privada e directos (ou seja, aplicada em filiais das empresas americanas), constitui um passo importante para ultrapassar o nível de generalidades teóricas que, por vezes, nos afastam da caracterização objectiva do

Movimentos de capitais privados a longo prazo — 1965

QUADRO N.º1

(milhões de dólares)

DE \ PARA	USA	Canadá	C.E.E.	Outros Países da Europa Oc.	Japão	América Latina	Anzas	Resto do Mundo	Total
USA	—	100	135	135	50	70	10		500
Canadá	1 230	—	20	— 55	15	10	30		1 250
C E E	755	30	(670)	955	45		20	90	2 565
Outros países da Europa Ocidental	1 045	20	420	(265)	30	20	30	170	2 000
Japão	100	10			—		10	10	130
América Latina	340	10	50	35	20	—	10		465
ANZAS	170	80	40	400	10		—	20	720
Resto do Mundo	620		100	125	110		10	—	965
Total	4 260	250	1 435	1 860	230	100	120	290	8 595

Canadá
C E E

14,5
29,8

2,9
16,7

+ 11,6
+ 13,1

Varição percentual dos movimentos de capitais privados entre 1960 e 1965

N.º 3

DE	USA	Canadá	C.E.E.	Outros Países da Europa Oc.	Japão	América Latina	Anzas	Resto do Mundo	Entrada
...	.	100,0	50,0	- 40,0	0	- 30,0	+	-	- 2,9
...	101,6	.	- 50,0		+	+	+	- 72,3	35,9
...	48,0	- 33,4	(109,4)	154,7	125,0	- 88,9	+	112,5	62,3
Países da Europa Ocidental ...	30,6	+	90,9	(- 17,2)	200,0		- 0,50	+	26,6
...	100,0	+			.		+		116,7
América Latina ...	13,3	+	- 44,5	- 68,2	0	.	+	+	- 10,6
...	100,0 (1)	+	300,0 (1)	300,0	+		.	(1) 33,3	620,0
Mundo	3,3		- 76,2	- 35,9	144,4		- 83,4	.	- 32,0
...	48,4	19,0	21,6	32,4	93,1	- 64,3	0	- 40,2	28,4

Variação verificada de 1962 a 1965.

- Os sinais + e - significam que um dos termos da comparação era nulo

estas limitações, os resultados atingidos serão elucidativos de tendências bem definidas.

Zonas atractivas e repulsivas: as zonas que apresentam fluxos de entrada negativos são os USA (-2,9%), a América Latina (-10,6%) e o Resto do Mundo (-32,0%). O valor determinado para os USA terá uma possível explicação no facto de não existir um longo excedente de capitais nas outras zonas capazes de serem aí investidos e, cumulativamente, no facto de, nessas outras zonas existir um forte efeito atractivo (esforços de desenvolvimento); ainda, devemos não esquecer que os investimentos aqui referidos são apenas os directos (em filiais) e a longo prazo; ora é, comparativamente mais fácil, mais barato e mais rentável um investimento em mercados pouco desenvolvidos do que no mercado americano, muito sofisticado e integrado. Assim, apenas o Canadá e a CEE apresentam fluxos positivos, embora partam de bases relativamente baixas (50 e 90 milhões de dólares, respectivamente), sendo o fluxo negativo dos países da Europa Ocidental não integrados no Mercado Comum (especialmente da Grã-Bretanha, que passa de um valor positivo de 50 milhões de dólares para um desinvestimento de 460 milhões) e da América Latina (que passa de 100 para 70 milhões) muito mais importante. Nestes dois últimos casos é de admitir um efeito de alteração dos fluxos por dificuldades económicas internas (Grã-Bretanha) e por aumento da atracção interna (América Latina). A característica repulsiva da América Latina encontra a sua justificação fundamental na quebra dos investimentos europeus, que passam de 200 milhões de dólares para 85 milhões. A explicação é complexa, mas também aqui deverão jogar os factores de atracção de outros mercados (neste caso, os próprios mercados europeus) e, provavelmente, a insegurança política das zonas latino-americanas.

Finalmente, a forte variação negativa em relação aos países do Resto do Mundo aparece como extremamente significativa da incapacidade de resolução da questão do subdesenvolvimento por parte das estruturas capitalistas privadas: o forte decréscimo de investimentos nessas zonas é exactamente o oposto daquilo que seria necessário se existisse uma política coerente de desenvolvimento. Na impossibilidade de encontrar uma explicação genérica para este valor negativo (estruturas económicas diferentes estão aqui incluídas na mesma designação estatística) apontaremos alguns dos factores que nele incidem: a ruptura dos laços colonialistas primários, a instabilidade política, a dificuldade de realização de políticas económicas de desenvolvimento, nessas zonas, que tornou pouco rentáveis alguns dos investimentos efectuados a partir da década de 50, a predominância de exploração de matérias primas fortemente monopolizadas pelos USA (como veremos à frente, os investimentos americanos nessas zonas são quase exclusivamente dedicados à indústria do petróleo ou das explorações mineiras) ou

com baixos coeficientes de capital técnico e, como cúpula, o carácter primitivo das estruturas económicas autóctones.

Como *zonas atractivas* encontramos a zona ANZAS (composta pela Austrália, Nova Zelândia e África do Sul) e o Japão, com fortes variações de fluxos mas com reduzida importância absoluta, o Canadá, essencialmente dependente dos investimentos americanos, e a zona europeia, sem dúvida a mais importante. Em 1960, os capitais entrados nessa zona representavam 47,2 % do movimento total; em 1965, esse valor tinha aumentado para 53,1 %; estabelecendo a separação entre a CEE e os restantes países da Europa Ocidental, encontramos os seguintes valores: em 1960 os valores para as duas zonas eram idênticos (23,6 %), mas em 1965 a CEE recebia 29,8 % dos capitais movimentados em todo o Mundo, enquanto que os restantes países europeus recebiam 23,3 %. Daqui se deduz uma clara preponderância dos mercados europeus e, em especial, da CEE; enquanto o fluxo para a CEE apresenta um acréscimo de 62,3 %, para os restantes países europeus atinge apenas 27,4 % em relação a 1960. Analisando os componentes destes fluxos pode-se verificar que o aumento dos investimentos americanos é maior na CEE (48,0 %) do que nos restantes países europeus (30,6 %) e, ainda, que nos movimentos internos europeus, o aumento dos investimentos da CEE nos restantes países (395,5 %) é superior ao aumento dos investimentos no sentido inverso (154,7 %), o que coloca, inequivocamente, a zona CEE na posição estratégica em relação à Europa Ocidental.

Zonas originárias e receptoras: retomando a análise dos quadros 2 A e 2 B é imediato verificar-se que as zonas originárias de capitais são os USA, a Europa Ocidental não integrada no Mercado Comum, a CEE e o Japão que apresentam, também, fortes acréscimos positivos no fluxo da saída. Contudo, como zonas originárias puras encontramos os USA e o Japão (com saldos negativos).

Como zonas receptoras registam-se a CEE, os países da Europa não incluídos no Mercado Comum, o Canadá, os países do Resto do Mundo, a zona ANZAS e a América Latina. Repare-se, contudo, que quer a América Latina quer os países do Resto do Mundo apresentam variações dos fluxos de entrada negativos de 1960 a 1965.

No quadro n.º 4 registamos as conclusões desta análise, inscrevendo também uma tentativa de classificação estrutural das zonas consideradas. Como é evidente, trata-se de uma classificação muito lata, já que os índices utilizados não permitem uma definição objectiva das características fundamentais de cada organização económica.

Definido o panorama global da circulação de capitais, passaremos agora a fazer uma análise restrita aos investimentos externos, privados, a longo prazo e directos, realizados pelos USA que,

Análise dos fluxos de investimentos externos

QUADRO N.º 4

PAÍSES	ENTRADAS 1965 (% Total)	ENTRADAS VARIACÃO 1960/1965 (%)	SAÍDAS 1965 (% Total)	SAÍDAS VARIACÃO 1960/1965 (%)	CLASSIFICAÇÃO ESTRUTURAL
USA	5,8	— 2,9	49,6	+ 48,4	Repulsiva originária, em expansão
Canadá	14,5	+ 35,9	2,9	+ 19,0	Atractiva, receptora, em expansão
CEE	29,8	+ 62,3	16,7	+ 21,6	Atractiva, receptora/originária, em expansão
Europa Ocidental	23,3	+ 27,4	21,7	+ 32,4	Atractiva, originária/receptora, em expansão
Japão	1,5	+ 116,7	3,3	+ 93,1	Atractiva, originária, em expansão
América Latina	5,4	— 10,6	1,2	— 64,3	Repulsiva, receptora, em contracção
ANZAS	8,4	+ 620,0	... 1,4	0	Atractiva, receptora, em expansão
Resto do Mundo	11,2	— 32,0	3,4	— 40,2	Repulsiva, receptora, em contracção
Total	100,0	+ 28,4	100,0	+ 28,4	

como se viu, representam, em 1965, 49,6 % da circulação mundial desta classe de capitais.

No Quadro n.º 5 registam-se os valores sectoriais dos movimentos de capitais em 1955 e em 1966 e, ainda, os valores percentuais de variação entre esses dois períodos. As indústrias dominantes, quer quanto ao valor acumulado dos investimentos, quer quanto à importância dos novos investimentos, são as indústrias transformadoras e a indústria dos petróleos, com predomínio do sector das transformadoras nas duas séries consideradas. Em relação às taxas de lucro, a posição dominante é ocupada pelas explorações minerais, que de 1960 a 1966 passavam de uma taxa de 13,8 % anual a 17,5 %. Segue-se a indústria do petróleo, com taxas de lucro anuais que oscilam entre 12 % e 13 %; no entanto, este valor deve ser corrigido tendo em conta que, nos investimentos efectuados no Canadá, a taxa de lucro média, nesta indústria, é de apenas 5 %.

Finalmente, as indústrias transformadoras têm uma taxa de lucro de 11 %; o facto de ser neste sector que se verificam os maiores valores de investimentos, apesar de apresentar a mais baixa taxa de lucro, tem uma explicação provável nas fortes perspectivas de crescimento do sector, que compensam uma mais reduzida taxa de lucro a curto prazo; e no papel estratégico que uma posição competitiva neste sector possibilita; além disso, deve-se também ter em conta que os investimentos nas indústrias mineiras e petrolíferas dependem de variados factores, alguns dos quais muito instáveis: nível óptimo de exploração, conhecimentos técnicos (de exploração e prospecção), controle de mercados, estabilidade política dos países onde essas explorações se localizam, etc..

Nos sectores considerados no Quadro n.º 5 verifica-se, ainda, um forte crescimento do sector «comércio», entre 1955 e 1966, embora os valores absolutos dos investimentos sejam muito reduzidos, o que, aliás, é normal para esse sector.

Considerando, globalmente, as séries do Quadro n.º 5 constata-se imediatamente que elas crescem, embora essas variações positivas apresentem diferenças bastante significativas. Da comparação entre o crescimento da rubrica «Valor de Balanço», que inclui todos os investimentos americanos, públicos e privados, com o crescimento da rubrica «Investimentos Directos», constata-se o aumento de importância destes últimos no plano das relações económicas internacionais americanas; este resultado deverá ser o produto de duas forças contrárias: a restrição de despesas do governo americano e um forte aumento do investimento privado no exterior, como forma de aproveitamento de rendimentos disponíveis para a exploração e o controle de novos mercados.

A comparação das séries «Novos Investimentos» e «Lucros Totais» denota um certo paralelismo, o que confirma a relação habitualmente existente entre os dois valores.

**Análise sectorial dos investimentos externos americanos privados,
a longo prazo, no período 1965/1966**

QUADRO N.º 5

(milhões de dólares)

RUBRICAS	1955	% Total	1966	% Total	Variacão 1965/1966
1 — Valor de Balanço ...	39 170		96 750		147,0
Investimentos directos	19 400	100,0	54 560	100,0	181,2
Minas	2 200	11,3	4 135	7,6	88,0
Petróleo	5 800	29,9	16 265	29,8	180,4
Serviços Públicos	1 600	8,2	2 285	4,2	42,8
Comércio	1 300	6,7	4 705	8,6	261,9
Diversos	2 000	10,3	5 120	9,4	156,0
Ind. Transformad. ...	6 500	33,5	22 050	40,4	239,2
2 — Novos Investime- tos (1)	4 820	100,0	8 770	100,0	81,9
Minas	420	8,7	810	9,2	92,9
Petróleo	2 320	48,1	2 560	29,2	10,3
Diversos (2)	190	3,9	500	5,7	163,1
Ind. Transformad. ...	540	11,2	275	3,1	- 49,1
Ind. Transformad. ...	1 350	28,0	4 625	52,7	242,5
3 — Lucros Totais	2 850	100,0	5 680	100,0	99,2
Minas	290	10,2	660	11,6	127,5
Petróleo	1 240	43,5	1 860	32,7	50,0
Diversos	500	17,5	1 060	18,7	112,0
Ind. Transformad. ...	820	28,8	4 625	37,0	156,0
4 — Lucros Repatriados	1 980	100,0	4 045	100,0	104,2
Minas	210	10,6	520	12,9	147,6
Petróleo	1 040	52,5	1 780	44,0	71,1
Ind. Transformad. ...	330	16,7	625	15,5	89,3
Diversos	400	20,2	1 120	27,7	180,0

¹ De 1957 a 1966.

² Inclui serviços públicos.

Finalmente, comparando as duas séries dos lucros, «Lucros Totais» e «Lucros Repatriados», verifica-se que esta última aumenta mais que a primeira o que significa que, dos lucros derivados da actividade industrial, uma maior parte é enviada para o país de origem, saindo, portanto, do circuito económico do país receptor dos capitais; assim se confirma uma outra relação habitual nas análises dos mecanismos e sistemas de colonização. Pela enorme importância que essa relação tem na compreensão das relações económicas internacionais, registam-se no Quadro n.º 6 as percentagens dos rendimentos repatriados em relação aos lucros totais e a variação unificada entre 1955 e 1966.

Análise sectorial dos lucros repatriados

QUADRO N.º 6

SECTORES	1955	1966	Variação
Minas	72,4	78,7	6,3
Petróleo	83,8	95,6	11,8
Diversos	66,0	58,9	— 7,1
Indúst. Transformadoras	48,7	53,3	4,6
Total	69,4	71,2	1,8

Da sua análise se conclui que os lucros repatriados em 1966 atingem 71,2 % dos lucros totais, com especial relevância para o sector das indústrias petrolíferas, que repatriam a quase totalidade dos seus lucros (95,6 %). Pelo contrário, as indústrias transformadoras repatriam apenas 53,3 % dos seus lucros, o que sugere a ideia de procurarem essas unidades uma posição de relativa auto-suficiência, até porque os mercados que utilizam e a estrutura da sua produção não são compatíveis com políticas económicas de colonização pura («descobrir-explorar-levar») do tipo da que é posta em prática no sector dos petróleos. De qualquer modo, o significado total destes valores é claramente unívoco: apesar da internacionalização da lógica capitalista, o vínculo nacionalista do capital conserva toda a sua potência.

Caracterizada, numa primeira e breve aproximação, a estrutura sectorial dos investimentos americanos, passaremos à sua análise regional. No Quadro n.º 7 encontra-se uma distribuição, por zonas, dos fluxos de capitais americanos, privados, directos, e a longo prazo.

Em relação aos valores de balanço, e considerando apenas os investimentos directos, a zona privilegiada é a Europa, com um ganho percentual de 14,2 % e o mais alto índice de variação

**Análise regional dos investimentos externos americanos, privados
e a longo prazo, no período 1965/1966**

QUADRO N.º 7

RUBRICAS	1955	% Total	1966	% Total	Variação 1955/1966
1 — Valor de Balanço	39 170		96 750		147,0
Investimentos directos	19 400	100,0	54 560	100,0	181,2
Canadá	6 500	33,5	16 840	30,9	159,0
América Latina e Di- versos	6 410	33,0	11 470	21,0	78,9
África	570	2,9	2 080	3,8	264,9
Ásia	2 235	11,5	3 890	7,1	74,0
Oceania	600	3,1	2 060	3,8	243,3
Europa	3 000	15,5	16 200	29,7	440,0
CEE	1 150	5,9	7 590	13,9	560,0
G. B.	1 430	7,4	5 650	10,4	295,1
Outros	420	2,2	2 960	5,4	604,7
2 — Novos Investimen- tos	4 820	100,0	8 770	100,0	81,9
Canadá	1 595	33,1	2 370	27,0	48,5
América Latina	1 685	35,0	1 090	12,4	— 35,4
Outras Zonas	640	13,3	2 010	22,9	214,0
Europa	900	18,7	3 300	37,6	266,6
3 — Lucros Totais	2 850	100,0	5 680	100,0	99,2
Canadá	600	21,1	1 240	21,8	106,6
América Latina	910	31,9	1 260	22,2	38,4
Outras Zonas	860	30,2	2 020	35,6	134,8
Europa	480	16,8	1 160	20,4	141,6
CEE	150	5,3	435	7,7	190,0
G. B.	280	9,8	480	7,6	53,5
Outros	50	1,8	295	5,2	490,0
4 — Lucros Repatriados	1 980	100,0	4 045	100,0	104,2
Canadá	300	15,2	765	18,9	155,0
América Latina	740	37,4	1 110	27,4	50,0
Europa	680	34,3	1 445	35,7	112,5
Outras Zonas	260	13,1	725	17,9	178,8
CEE	85	4,3	315	7,8	270,5
G. B.	150	7,6	250	6,2	66,6
Outros	25	1,3	160	4,0	540,0

(440,0 %) no período analisado. Dentro da Europa, a CEE tem o maior poder atractivo, com um ganho percentual de 8 %, embora o índice de variação mais alto pertença ao grupo «Outros» com 604,7 %.

As zonas menos atractivas são o grupo América Latina e Diversos com uma perda percentual de 12 % e a Ásia, com uma perda de 4,4 %, apresentando, simultâneamente, os mais baixos índices de variação (78,9 % e 74,0 %, respectivamente). As zonas África e Oceânia mantêm-se quase estacionárias em importância percentual no total dos investimentos americanos mas apresentam índices de variação bastante elevados 264,9 % e 243,3 %, respectivamente. Estas conclusões gerais não sofrem alteração significativa se considerarmos os valores da rubrica «Novos Investimentos», como seria de esperar; a única diferença reside no facto de este índice dar uma indicação mais imediata da orientação dos fluxos.

Contudo, se analisarmos a repartição percentual dos lucros totais, notaremos uma significativa alteração: enquanto que o conjunto América Latina, África, Ásia e Oceânia representam 25,7 % do valor acumulado dos investimentos americanos no exterior, contribuem com 57,8 % dos lucros derivados desses investimentos. Pelo contrário, a Europa, que recebe 29,7 % dos investimentos, contribui apenas com 20,4 % dos lucros. Esta relação torna-se, ainda, mais definitiva, se repararmos que, do total dos rendimentos repatriados para os USA, 63,1 % saiem do grupo América Latina, África, Ásia e Oceânia, enquanto que da Europa apenas saiem 17,9 %.

Pode-se esclarecer melhor esta situação utilizando os valores dos rendimentos que são repatriados em comparação com os lucros totais obtidos em cada zona (Quadro n.º 8).

Análise regional dos lucros repatriados

(Percentagens)

QUADRO N.º 8

REGIÕES	1955	1966	Varição
Canadá	50,0	61,6	11,6
América Latina	81,3	88,0	6,7
Outras Zonas	79,0	71,5	- 7,5
Europa	54,1	62,5	8,4
CEE	56,6	72,4	15,8
G. B.	53,5	58,1	4,6
Outros	50,0	54,2	4,2
Total	69,4	71,2	1,8

Como se vê, é na América Latina e no grupo Outras Zonas que os fluxos de repatriamento são mais fortes: de todos os lucros aí realizados, 88,0 % no caso da América Latina e 71,5 % no caso das Outras Zonas são devolvidos aos USA, desaparecendo do circuito económico das zonas onde foram criados; para além disso, constata-se que, no caso da América Latina a taxa de aumento dos repatriamentos é crescente, reforçando ainda mais o vínculo da dominação. Aliás, mesmo para as Outras Zonas, mais favorecidas pela política americana, as taxas de retirada dos lucros apresentam valores muito consideráveis, significativos dos tipos de relações económicas que acompanham os investimentos privados americanos a longo prazo.

Na publicação consultada faz-se, também, uma referência à distribuição das indústrias transformadoras por algumas regiões económicas que nos parece muito importante, na medida em que o sector das transformadoras é o que utiliza maiores valores acumulados dos investimentos americanos no exterior. Essa análise encontra-se registada no Quadro n.º 9.

O facto mais saliente neste quadro é a importância crescente da Europa como mercado receptor dos investimentos americanos em indústrias transformadoras, constituindo em 1964 a zona mais importante em percentagens de investimentos acumulados (em valor de balanço), posição ocupada pelo Canadá até 1963; e, como se vê no Quadro 9 A, o crescimento dos investimentos na Europa é contrabalançado pela diminuição acentuada dos investimentos no Canadá.

Dos investimentos realizados na Europa, as orientações dominantes, desde 1957, são as indústrias de materiais de transporte (27,1 %), de construções mecânicas (18,1 %) e de produtos químicos (16,4 %), a uma grande distância das outras actividades. Em relação ao Canadá há um alto valor regional para a indústria do papel (14,8 %) e que representa 81,3 % dos investimentos externos americanos nesta indústria; repare-se, também, que a distribuição dos investimentos no Canadá, no sector das transformadoras, é relativamente homogénea, significando um equilíbrio de exploração das oportunidades que deverá estar relacionado com a maior antiguidade do fluxo de investimentos para o Canadá. Na América Latina há três actividades claramente dominantes: as químicas, os materiais de transporte e as indústrias alimentares; contudo, em valor global, a concentração dos investimentos americanos é, aqui, muito pequena; basta reparar que uma percentagem regional de 12,6 % nas indústrias alimentares na América Latina representa 22,6 % do total dos investimentos externos americanos nesta actividade, em todo o mundo, enquanto que uma percentagem regional de 8,4 % no Canadá equivale a 37,3 % do total investido nas indústrias alimentares.

QUADRO N.º 9

REGIÕES SECTORES	CANADÁ			AMÉRICA LATINA			OUTRAS ZONAS			EUROPA		
	% Total	% Região	Variação % Total 1957/1964	% Total	% Região	Variação % Total 1957/1964	% Total	% Região	Variação % Total 1957/1964	% Total	% Região	Variação % Total 1957/1964
Indústrias alimentares ...	37,3	8,4	— 6,8	22,6	12,6	— 4,9	12,2	...	4,4	27,9	5,9	7,3
Papel	81,3	14,8	— 5,5	5,8	2,6	0,3	4,0	...	1,8	8,9	1,7	3,4
Químicas	32,9	16,3	— 13,8	22,1	27,1	— 2,2	10,0	...	4,2	35,0	16,4	11,8
Borracha	25,9	2,8	— 7,8	26,7	7,1	— 7,0	22,2	...	4,4	25,2	2,6	10,2
Metalurgia	53,8	15,9	— 17,4	8,2	6,0	1,8	8,2	...	4,9	29,8	8,3	10,7
Const. mecânicas	27,1	8,9	— 8,0	6,4	5,2	1,0	8,0	...	1,5	58,5	18,1	5,5
Const. eléctricas	38,0	8,1	— 7,2	15,6	8,2	— 2,8	8,0	...	1,0	38,4	7,7	9,0
Material de transporte	22,7	12,2	— 10,4	12,8	17,1	— 1,6	11,4	...	— 4,9	53,1	27,1	13,7
Outros	37,3	12,6	— 10,4	16,9	14,1	— 2,4	7,5	...	1,4	38,3	12,2	11,4
	36,7	100,0	— 12,3	14,9	100,0	— 1,1	9,6		7,6	38,8	100,0	11,4

Análise regional dos lucros repatriados

QUADRO N.º 9 A

REGIÕES	ANOS						
	1957	1959	1960	1961	1962	1963	1964
Europa	27,4	30,3	34,1	35,5	36,8	37,9	38,8
Canadá	49,0	47,0	43,3	42,3	40,1	38,6	36,7
América Latina	16,0	14,6	14,6	14,2	14,7	14,8	14,9
Outras Zonas	7,6	8,1	8,0	8,0	8,4	8,7	9,6
	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Todos estes índices, quer analisados individualmente quer integrados numa visão global, classificam uma situação que é, certamente, conhecida na generalidade, mas a que nem sempre é possível transmitir um concretismo tão evidente. Como toda a informação predominantemente estatística, o valor deste trabalho está relativizado pelas limitações do universo estudado; depois, o carácter fulcral que os valores das transferências internacionais de capitais assumem na lógica capitalista obriga a que uma certa familiaridade com os resultados globais seja esperável. No entanto, a sua concretização é, ainda, significativa, para além do seu carácter repetitivo e parcializado.

*Sérgio
Lopes*

“Brain-drain”!

— a fuga de cérebros para os Estados Unidos

1. Elaborou-se a presente nota com o propósito de divulgar alguns números publicados em documentos oficiais norte-americanos, e de sugerir qual a nossa situação perante a fuga de cérebros para os Estados Unidos. Não se pretendeu fazer um estudo sobre as causas e implicações do «brain-drain», mas procura-se, contudo, esboçar algumas das suas coordenadas.